

CONTRIBUIÇÕES DA ESF NA PREVENÇÃO E DIAGNÓSTICO DO CÂNCER CERVICAL NO ESTADO DO MARANHÃO: O ENFERMEIRO EM FOCO (2015-2024)

José Edilson Rios Queiroz Júnior, Graduando em Enfermagem, Centro Universitário Católico Ítalo Brasileiro, Laudiceia Borges Primo Graduanda em Enfermagem, Centro Universitário Católico Ítalo Brasileiro, Sílvia Marcos Pereira, Graduando em Enfermagem, Centro Universitário Católico Ítalo Brasileiro

eujose360@gmail.com

RESUMO

Este estudo teve como objetivo analisar a atuação da Estratégia Saúde da Família (ESF) no diagnóstico precoce e prevenção do câncer de colo do útero no estado do Maranhão, com ênfase no papel do enfermeiro nas ações educativas, na coleta do exame citopatológico e na orientação das usuárias. A justificativa para a pesquisa fundamenta-se na elevada incidência e mortalidade por essa neoplasia na região, evidenciando desigualdades no acesso à prevenção e à detecção precoce. A metodologia consistiu em uma revisão bibliográfica de caráter qualitativo, com levantamento de artigos científicos publicados entre os anos de 2015 e 2024, localizados nas bases de dados Scielo e Google Acadêmico. Os critérios de inclusão consideraram publicações com enfoque na atenção primária, atuação do enfermeiro, rastreamento do câncer cervical e políticas públicas voltadas à saúde da mulher. Como resultado, verificou-se que o Maranhão apresenta uma das maiores taxas de incidência do país, sendo o câncer do colo do útero o segundo mais comum na região Nordeste. A pesquisa evidenciou que o enfermeiro, por meio de sua atuação legalmente respaldada, realiza não apenas a coleta do exame de Papanicolaou, mas também promove atividades educativas nas Unidades Básicas de Saúde, com destaque para as rodas de conversa, busca ativa e acolhimento humanizado, que contribuem significativamente para a adesão das mulheres aos exames preventivos. Ainda assim, obstáculos como medo, desinformação, estigmas culturais, baixa cobertura vacinal e barreiras estruturais dificultam a efetivação das políticas de prevenção. A análise mostrou que o conhecimento prévio sobre o HPV está relacionado à maior adesão ao exame citopatológico, reforçando a importância da educação em saúde. Conclui-se, portanto, que a atuação do enfermeiro na ESF é fundamental para o enfrentamento do câncer do colo do útero no Maranhão, sendo necessário ampliar o acesso ao exame, intensificar ações educativas, qualificar o acolhimento nas unidades de saúde e investir em capacitação contínua dos profissionais. O fortalecimento dessas ações pode reduzir significativamente os índices de morbimortalidade por essa neoplasia, promovendo uma assistência mais equitativa e eficaz à população feminina.

Palavras-chave: câncer de colo do útero; enfermagem; atenção primária; prevenção; saúde da mulher.

INTRODUÇÃO

O câncer do colo do útero é um grande problema de saúde pública, especialmente em países em desenvolvimento, onde os índices de mortalidade permanecem elevados devido à dificuldade de acesso aos serviços de saúde, à baixa cobertura dos exames preventivos e a detecção tardia da doença (Costa et al., 2017). No Brasil a neoplasia ocupa quarta posição entre os tipos de câncer que mais acometem mulheres, com destaque preocupante para a região Nordeste. No estado do Maranhão os dados estatísticos apontam alto índices de incidência e mortalidade, o que evidencia a necessidade de estratégias eficazes de prevenção e diagnóstico precoce (Nogueira et al., 2021).

Diversos fatores de risco estão associados ao desenvolvimento do câncer cervical, entre eles o início precoce da atividade sexual, múltiplos parceiros, infecções por HPV, tabagismo e condições socioeconômicas desfavoráveis. Diante desse cenário, será destacada a importância da detecção precoce por meio do exame de citopatologia oncológica (Papanicolau), exame simples de baixo custo, capaz de identificar lesões precursoras e proporcionar tratamento em fases iniciais, aumentando significativamente as chances de cura.

Nesse contexto, o enfermeiro que atua na Estratégia Saúde da Família (ESF) desempenha papel essencial na promoção da saúde da mulher, realizando atividades educativas, consultas de enfermagem, coleta do exame citopatológico, interpretação de resultados e encaminhamentos, conforme assegurado pela Lei nº 7.498/86, que regulamenta o exercício profissional da enfermagem no Brasil. Além do mais, esse profissional atua na organização da demanda, busca de mulheres dentro da faixa etária preconizada e participação em campanhas preventivas, contribuindo para o aumento da adesão ao exame preventivo e para a redução dos casos de câncer cervical.

A relevância deste estudo justifica-se pela necessidade de fortalecer as práticas de prevenção e diagnóstico precoce, por meio da valorização da atuação do enfermeiro e da promoção de uma assistência qualificada e humanizada, que contribua para a redução das taxas de morbimortalidade por câncer de colo do útero no estado do Maranhão.

Sendo assim este artigo tem como objetivo analisar os principais fatores de risco relacionados ao câncer de colo do útero, ressaltar a importância da detecção precoce, apresentar

dados estatísticos do Maranhão e evidenciar o papel do enfermeiro na Atenção Primária à Saúde, na ESF, com foco nas ações educativas e na realização do exame citopatológico.

METODOLOGIA

Este estudo trata-se de uma revisão bibliográfica narrativa, com o objetivo de reunir e analisar publicações científicas que contribuições da estratégia saúde da família (ESF) na prevenção e diagnóstico do câncer cervical no estado do maranhão no diagnóstico precoce e prevenção do câncer de colo do útero no estado do Maranhão. A pesquisa foi realizada por meio de levantamento de artigos disponíveis nas bases de dados SciELO e Google Acadêmico, abrangendo o período de 2015 a 2024. Os critérios de inclusão envolveram textos completos, publicados em português, com foco na temática central do estudo. Foram excluídos trabalhos duplicados ou que não apresentassem relação direta com os objetivos propostos. A análise dos conteúdos permitiu identificar os principais fatores de risco, práticas profissionais da enfermagem, desafios e estratégias de prevenção no contexto da Atenção Primária à Saúde.

RESULTADOS E DISCUSSÕES

2. CÂNCER DE COLO DO ÚTERO

2.1. Fatores de risco:

O câncer de colo do útero (CCU) representa um grave problema de saúde pública no Brasil e no mundo. No país, é a terceira causa de morte por câncer em mulheres, acometendo principalmente aquelas com idade entre 25 e 64 anos, com vida sexual ativa. A nível global, estima-se que 570 mil novos casos são diagnosticados anualmente, sendo responsável por cerca de 311 mil óbitos por ano, configurando-se como a quarta maior causa de câncer entre mulheres (Almeida et al., 2021).

O principal fator etiológico associado ao desenvolvimento do CCU é a infecção persistente pelo Papilomavírus Humano (HPV), um vírus de DNA da família Papoviridae, com tropismo por células epiteliais escamosas da mucosa genital. O HPV possui mais de 200 genótipos conhecidos, sendo classificados em oncogênicos (alto risco) e não oncogênicos (baixo risco). Dentre os tipos oncogênicos, os subtipos 16 e 18 são responsáveis por cerca de 70% dos casos de câncer cervical, sendo o 16 associado ao carcinoma epidermoide e o 18, aos adenocarcinomas (Almeida et al., 2021).

Embora o HPV por si só não provoque o câncer, ele é um agente necessário para o seu desenvolvimento. A infecção ocorre preferencialmente na junção escamo-colunar do colo do útero, região de intensa renovação celular, onde o vírus se integra ao material genético da célula hospedeira. Essa integração, especialmente nas infecções persistentes, é responsável por alterações celulares que podem evoluir para lesões intraepiteliais de alto grau e, eventualmente, para o câncer invasivo (Almeida et al., 2021).

Estudos mostram que a infecção pelo HPV é geralmente assintomática e autolimitada, podendo regredir espontaneamente em até 80% dos casos. No entanto, cerca de 20% das mulheres podem apresentar infecção persistente, das quais 10% podem evoluir para lesões

precursoras de câncer cervical. Mulheres que não recebem diagnóstico ou tratamento adequado têm até quatro vezes mais chances de desenvolver alterações na cérvix (Silva, Morais, Sousa, 2023).

A infecção pelo HPV e sua progressão para o câncer cervical demonstram a importância de medidas preventivas, diagnósticas e educativas. Nesse contexto, os profissionais da atenção primária, especialmente os enfermeiros, desempenham papel fundamental na orientação, coleta de exames e educação em saúde, fortalecendo as estratégias de prevenção e reduzindo a mortalidade por CCU no Brasil (Silva, Morais, Sousa, 2023).

O estudo de Barros et al. (2021) aponta que, além da infecção pelo HPV, diversos fatores de risco estão associados ao câncer do colo do útero, refletindo determinantes sociais, comportamentais e reprodutivos. A análise indica que mulheres com idade superior a 40 anos, de cor da pele não branca, com baixa escolaridade e renda, tendem a apresentar maior vulnerabilidade a doença. Essas condições, muitas vezes ligadas à exclusão social e ao acesso limitado aos serviços de saúde, dificultam o rastreamento precoce e o tratamento adequado das lesões precursoras (Barros et al., 2021).

A percepção negativa do estado de saúde e a condição de ser solteira também apareceram como fatores associados, sugerindo uma possível relação entre apoio social reduzido, autocuidado e busca por serviços de prevenção. Do ponto de vista reprodutivo, a menarca e a iniciação sexual precoces, além da multiparidade, foram identificadas como condições que aumentam o risco de desenvolvimento da doença. Curiosamente, o estudo também destaca a nuliparidade como fator de risco para o adenocarcinoma cervical, indicando que tanto o excesso quanto a ausência de experiências reprodutivas podem influenciar na gênese de diferentes tipos histológicos da neoplasia cervical (Barros et al., 2021).

2.2. Importância da detecção precoce:

A detecção precoce do câncer do colo do útero (CCU) é fundamental para a redução da mortalidade e morbidade associadas a doença, considerando que se trata de uma neoplasia altamente prevenível e de evolução lenta quando identificada em estágios iniciais. O rastreamento por meio do exame citopatológico, o Papanicolau, deve ser iniciado em mulheres a partir dos 25 anos de idade que já tenham iniciado a vida sexual, sendo interrompido aos 64 anos. Essa diretriz visa garantir que alterações celulares provocadas principalmente pelo HPV sejam detectadas antes de evoluírem para um câncer invasivo (Morais et al., 2021). Segundo Paula e autores:

A prevenção e tratamento do CCU podem ser desenvolvidas por práticas assistenciais educativa, por meio de mensagens claras, objetivas e de fácil linguagem, de acordo com os padrões culturais da sociedade. Assim, os serviços de atenção primária devem conhecer a população de sua área de abrangência para identificação dos motivos de falta no EP e também investigar o conhecimento e importância atribuída pelas mulheres referentes à prevenção do CCU (Paula et al., 2019, p.2).

No entanto, diversos fatores dificultam o acesso e a efetividade do rastreamento, como a má qualidade dos serviços, a ausência de humanização, questões econômicas e socioculturais, além da baixa adesão das mulheres ao exame, muitas vezes por desconhecimento ou medo.

Esses obstáculos comprometem a detecção precoce, tornando-a um desafio para o sistema de saúde (Morais et al., 2021).

É na atenção primária que o rastreamento se estrutura, sendo essencial que os profissionais conheçam a população-alvo, a periodicidade do exame e saibam orientar adequadamente as mulheres, além de encaminhá-las quando necessário. Segundo o Ministério da Saúde, a recomendação é realizar o exame anualmente e, após dois ou três resultados negativos consecutivos, passar a fazê-lo a cada três anos. No entanto, a demora de até 59 dias para entrega dos resultados representa uma barreira, desestimulando o retorno das pacientes e prejudicando o seguimento adequado dos casos (Morais et al., 2021).

Além disso, os aspectos físicos e emocionais do exame – como dor, sangramento e constrangimento – também interferem na sua aceitação. Há ainda requisitos técnicos que precisam ser observados antes da coleta, como não estar menstruada e evitar relações sexuais ou uso de produtos vaginais nas 48 horas anteriores (BRASIL, 2015), o que nem sempre é do conhecimento das usuárias (Ferreira et al., 2022).

A efetividade do Papanicolau não está apenas na identificação de lesões precursoras do câncer, mas também de outras infecções vaginais comuns, além de permitir o monitoramento da infecção por HPV. Quando os resultados são positivos, o exame orienta condutas específicas, como repetição em menor intervalo ou encaminhamento para procedimentos especializados, reforçando sua importância como método de vigilância contínua (Ferreira et al., 2022).

Por fim, os autores demonstram a correlação entre o conhecimento sobre HPV e a adesão ao exame: mulheres que realizam o Papanicolau tendem a estar mais informadas, o que destaca o papel das ações educativas. No entanto, a baixa proporção de profissionais capacitados e a limitada realização de atividades educativas nas unidades de saúde, como mostrou o estudo realizado em Juiz de Fora, indicam a urgência de investimentos em educação permanente e na implementação efetiva das diretrizes do Ministério da Saúde, elementos essenciais para garantir o sucesso da detecção precoce do CCU (Ferreira et al., 2022).

2.3. Estatísticas no Maranhão:

O câncer do colo do útero (CCU) permanece como um grave problema de saúde pública no Maranhão. De acordo com estimativas do Instituto Nacional de Câncer (INCA), são esperados aproximadamente 800 casos novos da doença no estado apenas neste ano. Essa alta incidência está diretamente relacionada à infecção persistente por subtipos oncogênicos do Papilomavírus Humano (HPV), sendo essa uma das principais causas do CCU. No Brasil, o câncer do colo do útero é a terceira maior causa de mortes prematuras entre mulheres, atrás apenas do câncer de mama e de causas cardiovasculares (Ministério da Saúde, 2023).

A Organização Mundial da Saúde (OMS) estima que de 60% a 90% dos casos de câncer de colo do útero poderiam ser evitados com estratégias de rastreamento eficazes, especialmente por meio da detecção precoce de lesões precursoras. No entanto, barreiras estruturais, sociais e culturais, como dificuldade de acesso ao exame, baixa cobertura vacinal e falta de informação, ainda comprometem o controle da doença em estados como o Maranhão (G1, 2023).

Tabela 1 - Incidência na região nordeste (2023-2025):

Região	Casos Estimados	Taxa Bruta (por 100 mil)	Taxa Ajustada (por 100 mil)
Região Nordeste	5.280	17,59	13,85
Alagoas	370	20,91	18,84
Bahia	1.160	14,93	11,84
Ceará	1.030	21,49	13,97
Maranhão	800	21,71	21,13

Fonte: Instituto Nacional de Câncer (INCA).

A gravidade da situação no Maranhão se evidencia nas taxas regionais de incidência. O estado lidera as estimativas da região Nordeste e aparece como o terceiro estado brasileiro com maior taxa de incidência da doença, com 21,71 casos a cada 100 mil mulheres. Essa taxa é significativamente superior à média nacional, que é de 15,38 casos por 100 mil mulheres (INCA, 2022). Além disso, é quase três vezes maior do que a registrada no estado do Rio Grande do Sul (7,11 por 100 mil), que apresenta a menor taxa do país (Ministério da Saúde, 2023).

A análise regional do INCA mostra que o câncer do colo do útero é o segundo mais incidente nas regiões Norte (20,48/100 mil) e Nordeste (17,59/100 mil), refletindo desigualdades socioeconômicas e de acesso aos serviços de saúde. Apesar de as regiões Sudeste e Sul concentrarem o maior número absoluto de casos por serem mais populosas, as maiores taxas de incidência ajustadas e brutas estão concentradas no Norte e Nordeste (INCA, 2022).

Durante campanhas como o março Lilás, o Ministério da Saúde reforça a importância da vacinação contra o HPV e da realização regular do exame de Papanicolau. O Sistema Único de Saúde (SUS) oferece gratuitamente esses serviços em unidades básicas, incluindo a imunização de meninos e meninas de 9 a 14 anos, faixa etária ideal para prevenção antes do início da vida sexual (G1, 2023).

3. O PAPEL DO ENFERMEIRO NA ESF

3.1. Atribuições legais do enfermeiro na atenção primária:

O enfermeiro na Atenção Primária à Saúde tem um papel essencial na prevenção, detecção precoce e controle do câncer do colo do útero (CCU), conforme destacado. É atribuição do enfermeiro prestar atenção integral à mulher, realizando atendimentos e o exame de Papanicolau, principal método de rastreamento da doença. Essa atuação o posiciona como peça-chave na promoção de uma assistência de qualidade, junto a médicos e agentes

comunitários, com o objetivo de alcançar a eficácia dos programas estabelecidos pelo Ministério da Saúde (Nazaré et al., 2020).

No atendimento à mulher, antes da coleta, o Ministério da Saúde preconiza que o enfermeiro deve procurar estabelecer uma relação de confiança, dando atenção a suas queixas e dúvidas, explicando como será realizado o exame, suas etapas e materiais, fazendo as recomendações necessárias e certificando que ela esteja em condições para realizar o exame (Mendes, Mesquisa, Lira, 2015, p.2).

A Atenção Básica é o centro das ações voltadas à saúde e ao bem-estar da população, e, dentro desse contexto, o enfermeiro se consolida como figura indispensável no cuidar e prevenir. Ele atua na promoção da saúde da mulher por meio da busca ativa de pacientes para a realização de exames preventivos, contribuindo significativamente para a redução da morbimortalidade por CCU. O exame é frequentemente realizado no âmbito da Estratégia Saúde da Família (ESF), programa que prioriza o cuidado com a família de forma integral e preventiva, e não apenas no momento da doença (Nazaré et al., 2020).

O exame preventivo do colo uterino, ofertado gratuitamente pelo SUS, é essencial para a detecção de alterações celulares precoces. Para garantir a qualidade do exame, o enfermeiro orienta a mulher a evitar relações sexuais, duchas ou uso de cremes vaginais dois dias antes da coleta, bem como a realizar o exame fora do período menstrual. Durante o procedimento, a mulher é posicionada em litotomia e é inserido um espéculo para visualização do colo do útero. Em seguida, o enfermeiro realiza a coleta de material celular da ectocérvice e endocérvice com espátula e escova cervical, que são preparados para análise citopatológica (Maia, Silveira, Carvalho, 2018).

A coleta precisa atender critérios técnicos que garantam uma amostra adequada, com boa concentração e fixação celular. Amostras com sangue em excesso ou material celular insuficiente dificultam a análise e comprometem o diagnóstico. Portanto, cabe ao enfermeiro garantir não apenas a realização técnica correta, mas também a educação e o preparo adequado da paciente para o exame (Maia, Silveira, Carvalho, 2018).

Mesmo sendo uma neoplasia de fácil prevenção e cura quando detectada precocemente, o câncer do colo do útero ainda é frequentemente diagnosticado tardiamente, o que contribui para elevadas taxas de mortalidade entre as mulheres. Nesse cenário, o enfermeiro tem a responsabilidade de agir de forma proativa, prestando assistência integral e promovendo o autocuidado e a conscientização da população feminina sobre a importância dos exames periódicos (Maia, Silveira, Carvalho, 2018).

Segundo Medeiros et al. (2021), o enfermeiro deve adotar diversas ações fundamentais para a prevenção do câncer de colo do útero, a realização da coleta citológica, que é uma das principais formas de detecção precoce da doença, sendo atribuída prioritariamente ao profissional de enfermagem. Além disso, é responsabilidade do enfermeiro encaminhar as mulheres com alterações citológicas para avaliação e tratamento adequado, assegurando a continuidade do cuidado (Medeiros et al., 2021).

O profissional deve realizar consultas ginecológicas, promovendo o acolhimento e o atendimento com qualidade, uma ação essencial é a busca ativa da população feminina em idade

indicada para o exame preventivo, o que pode ser feito em conjunto com os Agentes Comunitários de Saúde (ACS), que auxiliam na identificação e no convencimento das mulheres que não comparecem espontaneamente à unidade de saúde (Medeiros et al., 2021).

3.2. Envolvimento na coleta do exame citopatológico:

De acordo com Carneiro et al. (2019), o exame citopatológico, também conhecido como exame de Papanicolau, realizado pela enfermagem é uma das principais estratégias de prevenção secundária do câncer do colo do útero. A prevenção contra esse tipo de câncer se divide em duas formas: a primária e a secundária (Carneiro et al., 2019).

O exame preventivo do CCU contribui para os índices de redução de até 90% das taxas de incidência de um câncer invasor, quando há eficiência da detecção precoce relacionada ao tratamento nos estágios iniciais. Em consonância, com a Organização Mundial de Saúde (OMS), quando o rastreamento apresenta eficaz cobertura de 80%, assim como quando é realizado dentro dos padrões de qualidade, há mudanças significativas nas taxas de incidência e mortalidade pelo CCU (Santana et al., 2022).

A prevenção primária envolve ações educativas, como a promoção do uso do preservativo, a eliminação de fatores de risco e a aplicação da vacina contra o HPV, disponível no sistema público de saúde para meninos e meninas até os 14 anos. Já a prevenção secundária tem como foco a redução da incidência, prevalência e mortalidade da doença por meio do rastreamento de lesões precursoras, sendo o exame de citopatologia oncológica o principal recurso utilizado, pois permite identificar alterações celulares em fase inicial, o que possibilita um tratamento curativo em até 100% dos casos quando diagnosticado precocemente (Carneiro et al., 2019).

O enfermeiro é legalmente habilitado, conforme a Lei nº 7.498/86, para realizar a coleta do material para o exame, interpretar os resultados, encaminhar casos suspeitos e confirmados, e acompanhar os desfechos dos pacientes. Essa atuação envolve também a responsabilidade pelo preenchimento de documentos, registros em prontuário, alimentação de sistemas de informação como o SISCOLO (Sistema de Informação do Câncer do Colo do Útero) e pela busca das pacientes, principalmente aquelas que não retornam para buscar seus resultados (Carneiro et al., 2019).

Além disso, o enfermeiro deve adotar uma postura empática e compreensiva, reconhecendo que muitas mulheres deixam de realizar o exame por medo, vergonha ou falta de informação. Portanto, é essencial que esse profissional seja capacitado não apenas tecnicamente, mas também no acolhimento, garantindo uma escuta qualificada e o fortalecimento da confiança no atendimento (Maia, Silveira, Carvalho, 2018).

Apesar da existência de outras formas de rastreamento, como a colposcopia, a cervicografia e o teste de DNA do HPV, o exame de Papanicolau continua sendo o mais utilizado, por sua eficácia, baixo custo e por ser indolor. Mesmo com o avanço da vacinação contra o HPV, o exame preventivo ainda é indispensável, visto que a vacina não protege contra todos os tipos do vírus nem contra outras infecções sexualmente transmissíveis. Dessa forma, a atuação do enfermeiro é central no enfrentamento ao câncer do colo do útero, integrando ações preventivas, educativas, técnicas e de acompanhamento contínuo. (Maia, Silveira, Carvalho, 2018).

3.3. Ações de educação em saúde:

O enfermeiro ainda precisa atuar na educação em saúde, promovendo rodas de conversa nas Unidades Básicas de Saúde (UBS), criando um espaço de escuta, diálogo e conscientização sobre a importância da prevenção. Nessas rodas, são valorizadas as experiências das mulheres, permitindo a produção coletiva de saberes, o que fortalece a confiança entre profissionais e pacientes. Outro aspecto importante é a atuação ética do enfermeiro, respeitando os valores culturais, religiosos e morais das mulheres, o que contribui para uma abordagem mais humanizada e sensível (Medeiros et al., 2021).

Estratégias simples, como orientações nas salas de espera, também devem ser utilizadas para ampliar a adesão ao exame, sendo essencial que o enfermeiro demonstre empatia e respeito, considerando que sentimentos como medo, vergonha ou desconforto podem interferir na realização do preventivo. Dessa forma, o enfermeiro desempenha um papel central na promoção da saúde feminina e na prevenção do câncer de colo do útero, articulando ações clínicas, educativas e de acolhimento (Medeiros et al., 2021).

3.4 Percepção das mulheres sobre o exame preventivo e a atuação do enfermeiro:

A percepção das mulheres em relação ao exame preventivo do câncer do colo do útero é um fator determinante para a adesão às ações de rastreamento realizadas na atenção básica. Segundo (Ferreira et al. 2022), a baixa oferta de atividades educativas e a insuficiente capacitação dos profissionais de saúde contribuem para que muitas mulheres mantenham dúvidas e medos em relação ao procedimento, o que compromete a efetividade das estratégias de prevenção. Esse cenário evidencia a necessidade de um cuidado integral que envolva não apenas a realização do exame, mas também a orientação clara e acolhedora às usuárias.

A atuação do enfermeiro, especialmente no contexto da Estratégia Saúde da Família (ESF), é fundamental para a promoção do exame preventivo. (Medeiros et al. 2021) destacam que o acolhimento humanizado e a empatia são essenciais para construir uma relação de confiança entre a profissional e a mulher, facilitando o engajamento desta última no processo de rastreamento. A abordagem respeitosa e sensível do enfermeiro contribui para diminuir o desconforto e o constrangimento sentidos pelas pacientes, fatores frequentemente apontados como barreiras para a realização do exame.

Além disso, (Paula et al. 2019) ressaltam a importância das ações educativas culturalmente sensíveis, que levem em consideração as particularidades e o contexto social das mulheres atendidas. Essas intervenções educativas, quando bem planejadas, ajudam a reduzir sentimentos negativos, como medo e vergonha, relacionados ao exame de Papanicolaou. Portanto, o papel do enfermeiro transcende a mera coleta do material, envolvendo também a promoção de informação acessível e a construção de um ambiente seguro para a mulher.

Por fim, (Mendes, Mesquita e Lira 2015) e (Maia, Silveira e Carvalho 2018) reforçam que o fortalecimento do vínculo entre enfermeiro e paciente, aliado a uma comunicação clara e ética, potencializa a adesão das mulheres ao exame preventivo. O vínculo estabelecido pela equipe de enfermagem cria um espaço de confiança, no qual as mulheres se sentem mais seguras para expressar suas dúvidas e medos, facilitando o acompanhamento contínuo e a realização periódica do exame. Assim, a atuação qualificada do enfermeiro na atenção primária é imprescindível para a efetividade das políticas públicas de prevenção do câncer cervical.

As ações educativas realizadas pelo enfermeiro como rodas de conversa, orientações em sala de espera e atendimentos individualizados são estratégias eficazes para aumentar o conhecimento das mulheres sobre o câncer do colo do útero e incentivar a realização periódica do exame. Mulheres bem informadas demonstram maior adesão ao rastreamento, o que reforça o papel educativo do profissional de enfermagem (Ferreira et al., 2022).

Tabela 2 – Ações do enfermeiro que favorecem a adesão ao exame preventivo

Ações do Enfermeiro na ESF	Efeito Esperado	Fonte
Acolhimento humanizado e empático	Redução do medo e do constrangimento	Medeiros et al. (2021)
Comunicação clara e orientação prévia	Maior compreensão e adesão ao exame	Ferreira et al. (2022)
Realização de ações educativas coletivas e individuais	Aumento do conhecimento sobre prevenção	Paula et al. (2019)
Estabelecimento de vínculo com a usuária	Confiança e continuidade no cuidado	Maia, Silveira e Carvalho (2018)

Fonte: Elaborado pelo autor com base nos estudos analisados

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A pesquisa realizada evidencia que, embora exista uma certa disponibilidade de meios para prevenção e diagnóstico, como o exame de citopatologia oncológica e a vacinação contra o HPV, muitos obstáculos ainda precisam ser superados relacionados a desinformação, estigmas culturais, medo e barreiras estruturais no sistema de saúde. No Maranhão, esses desafios são ainda mais acentuados, dado que o estado apresenta uma das maiores taxas de incidência de câncer de colo do útero no Brasil, superando a média nacional e a de outras regiões.

Nesse contexto, o enfermeiro que atua na Estratégia Saúde da Família (ESF) tem papel essencial pois além de ser legalmente habilitado para a coleta do exame citopatológico e o acompanhamento dos casos, é também o principal agente na implementação de ações educativas que visam conscientizar a população feminina sobre a importância da prevenção. Sua atuação deve ser guiada por empatia, ética e sensibilidade, promovendo o cuidado integral e respeitando os contextos culturais e sociais das usuárias. A detecção precoce, por meio do Papanicolau, é fundamental para identificar lesões precursoras e possibilitar tratamento em fases iniciais, aumentando significativamente as chances de cura.

Com base na revisão bibliográfica, algumas estratégias são fundamentais para reduzir a incidência do câncer de colo do útero no Maranhão: intensificar as ações de educação em saúde

nas comunidades, com foco em rodas de conversa e palestras informativas; realizar busca ativa das mulheres na faixa etária preconizada com apoio dos Agentes Comunitários de Saúde (ACS); fortalecer as campanhas de vacinação contra o HPV em meninas e meninos até 14 anos; ampliar o acesso ao exame preventivo com horários flexíveis e acolhimento humanizado; além de investir na capacitação contínua dos profissionais de saúde, especialmente da enfermagem, quanto às diretrizes e boas práticas na prevenção do câncer cervical.

Entretanto, é importante reconhecer as limitações deste estudo. Por se tratar de uma revisão bibliográfica narrativa, os dados foram coletados de fontes secundárias, o que pode não capturar as nuances específicas e as experiências diretas da população e dos profissionais de saúde do Maranhão. Para futuras pesquisas, sugere-se a realização de estudos de campo no estado, com abordagens qualitativas, para aprofundar a compreensão das percepções e barreiras enfrentadas pelas mulheres, bem como para investigar as práticas dos enfermeiros na ESF local de forma mais detalhada. Os resultados aqui apresentados oferecem contribuições significativas para a enfermagem e a saúde pública, ao destacar a urgência de fortalecer a atuação do enfermeiro na atenção primária como pilar para a prevenção e o controle do câncer de colo do útero, impulsionando a formulação de estratégias mais eficazes e equitativas na região.

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, Carmem Mariana Carneiro et al. **Principais fatores de risco associados ao desenvolvimento do câncer de colo do útero, com ênfase para o Papilomavírus humano (HPV): um estudo de revisão.** Research, Society and Development, v. 10, n. 1, p. e19810111634-e19810111634, 2021. Disponível em: <https://rsdjournal.org/index.php/rsd/article/view/11634>.
- BARROS, Sabrina Sousa et al. **Fatores de risco que levam o câncer do colo do útero: Uma revisão integrativa.** Research, Society and Development, v. 10, n. 4, p. e9610413873-e9610413873, 2021. Disponível em: <https://rsdjournal.org/index.php/rsd/article/view/13873>.
- CARNEIRO, Cláudia Priscila Fonseca et al. **O Papel do enfermeiro frente ao câncer de colo uterino.** Revista Eletrônica Acervo Saúde, n. 35, p. e1362-e1362, 2019. Disponível em: <https://acervomais.com.br/index.php/saude/article/view/1362>.
- COSTA, Francine Krassota Miranda et al. **Os desafios do enfermeiro perante a prevenção do câncer do colo do útero.** Revista de gestão e saúde, v. 17, n. 01, p. 55-62, 2017. Disponível em: <https://herrero.com.br/files/revista/file2e7951197014f882704684faa027b6d8.pdf>.
- FERREIRA, Márcia de Castro Martins et al. **Deteção precoce e prevenção do câncer do colo do útero: conhecimentos, atitudes e práticas de profissionais da ESF.** Ciência & Saúde Coletiva, v. 27, p. 2291-2302, 2022. Disponível em: <https://www.scielo.org/article/csc/2022.v27n6/2291-2302/pt/>.
- FERREIRA, A. et al. **Deteção precoce e prevenção do câncer do colo do útero: conhecimentos, atitudes e práticas de profissionais da ESF.** Ciência & Saúde Coletiva, Rio de Janeiro, v. 27, n. 6, p. 2291-2302, 2022. Disponível em: <https://www.scielo.org/article/csc/2022.v27n6/2291-2302/pt/>. Acesso em: 2 jul. 2025.

G1 Globo. **Maranhão é o primeiro estado do Nordeste com maior taxa de câncer de colo do útero; saiba como prevenir.** G1, 2023. Disponível em: <https://g1.globo.com/ma/maranhao/noticia/2023/09/18/maranhao-e-o-primeiro-estado-do-nordeste-com-maior-taxa-de-cancer-de-colo-do-utero-saiba-como-prevenir.ghtml>.

MORAIS, Isabela da Silva Mota et al. **A importância do exame preventivo na detecção precoce do câncer de colo uterino: uma revisão de literatura.** Revista Eletrônica Acervo Enfermagem, v. 10, p. e6472-e6472, 2021. Disponível em: <https://acervomais.com.br/index.php/enfermagem/article/view/6472>.

MENDES, C. M.; MESQUITA, D. A.; LIRA, M. R. **Prevenção do câncer de colo uterino: analisando a atuação do enfermeiro da atenção primária à saúde.** *Sanare*, Fortaleza, v. 14, n. 1, p. 96-104, 2015. Disponível em: <https://sanare.emnuvens.com.br/sanare/article/view/828>. Acesso em: 2 jul. 2025.

MAIA, M. F.; SILVEIRA, E. A.; CARVALHO, C. S. **Câncer do colo do útero: papel do enfermeiro na estratégia saúde da família.** *Revista FAEMA*, São Luís, v. 17, n. 1, p. 45-52, 2018. Disponível em: <https://revista.faema.edu.br/index.php/Revista-FAEMA/article/view/517>. Acesso em: 2 jul. 2025.

MEDEIROS, L. et al. **Ações do enfermeiro frente à prevenção do câncer de colo uterino na Atenção Básica.** *Research, Society and Development*, [S.l.], v. 10, n. 8, e18519, 2021. Disponível em: <https://rsdjournal.org/index.php/rsd/article/view/18519>. Acesso em: 2 jul. 2025.

Ministério da Saúde. **Inca estima cerca de 800 casos de câncer de colo do útero no Maranhão este ano.** Ministério da Saúde, 2023. Disponível em: <https://www.gov.br/saude/pt-br/assuntos/noticias-para-os-estados/maranhao/2023/marco/inca-estima-cerca-de-800-casos-de-cancer-de-colo-do-utero-no-maranhao-este-ano#:~:text=MÊS%20DA%20MULHER-,Inca%20estima%20cerca%20de%20800%20casos%20de%20câncer%20de,útero%20no%20Maranhão%20este%20ano&text=O%20Instituto%20Nacional%20do%20Câncer,colo%20do%20útero%20no%20Maranhão>.

MENDES, Yana Livia Camelo; MESQUITA, Karina Oliveira; LIRA, Roberta Cavalcante Muniz. **Prevenção do câncer de colo uterino: analisando a atuação do enfermeiro da atenção primária à saúde.** *SANARE-Revista de Políticas Públicas*, v. 14, n. 2, 2015. Disponível em: <https://sanare.emnuvens.com.br/sanare/article/view/828>.

MAIA, Rafaela Cristina Bandeira; SILVEIRA, Bruna Letícia; CARVALHO, Mariana Ferreira Alvez. **Câncer do colo do útero: papel do enfermeiro na estratégia e saúde da família.** *Revista Científica da Faculdade de Educação e Meio Ambiente*, v. 9, n. 1, p. 348-372, 2018. Disponível em: <https://revista.faema.edu.br/index.php/Revista-FAEMA/article/view/517>.

MEDEIROS, Ariane Thaysla Nunes et al. **Ações do enfermeiro frente à prevenção do câncer de colo uterino na Atenção Básica.** *Research, Society and Development*, v. 10, n. 10, p. e348101018519-e348101018519, 2021. Disponível em: <https://rsdjournal.org/index.php/rsd/article/view/18519>.

NOGUEIRA, Luana Mendes et al. **Caracterização epidemiológica do câncer do colo uterino, anterior à implantação do calendário vacinal para o HPV no estado do Maranhão.** Revista Eletrônica Acervo Saúde, v. 13, n. 2, p. e5804-e5804, 2021. Disponível em: <https://acervomais.com.br/index.php/saude/article/view/5804>.

NAZARÉ, Gabriela de Carvalho Braga et al. **A importância da busca ativa do enfermeiro na atenção primária para prevenção do câncer de colo uterino.** Revista Eletrônica Acervo Saúde, n. 39, p. e2066-e2066, 2020. Disponível em: <https://acervomais.com.br/index.php/saude/article/view/2066>.

Instituto Nacional de Câncer. **Incidência.** INCA, 2022. Disponível em: <https://www.gov.br/inca/pt-br/assuntos/gestor-e-profissional-de-saude/controle-do-cancer-do-colo-do-utero/dados-e-numeros/incidencia>.

PAULA, Tamires Corrêa et al. **Deteção precoce e prevenção do câncer de colo uterino: saberes e práticas educativas.** Enfermagem em Foco, v. 10, n. 2, 2019. Disponível em: <http://revista.cofen.gov.br/index.php/enfermagem/article/view/1624>.

PAULA, J. R. et al. **Deteção precoce e prevenção do câncer de colo uterino: saberes e práticas educativas.** Revista de Enfermagem do COFEN, Brasília, v. 2, n. 4, p. 1624-1633, 2019. Disponível em: <http://revista.cofen.gov.br/index.php/enfermagem/article/view/1624>. Acesso em: 2 jul. 2025.

SILVA, Maria Luiza Laureano Galvão; MORAIS, Alanna Michely Batista; DE SOUSA, Milena Nunes Alves. **Papilomavírus humano e fatores de risco no câncer de colo uterino.** Revista Eletrônica Acervo Saúde, v. 23, n. 1, p. e11746-e11746, 2023. Disponível em: <https://acervomais.com.br/index.php/saude/article/view/11746>.

Santana, A. L. S., Santana, N. C. S., Silva, D. S., Barbosa, E. M. R. B., Durans, N. C. K., & Batista, M. C. A. (2022). **Prevenção do câncer do colo do útero: Perfil Epidemiológico dos Exames Citopatológicos realizados no município de Pinheiro-Maranhão, no ano de 2016 a 2020.** Research, Society and Development, 11(7), e1911729561-e1911729561. <http://dx.doi.org/10.33448/rsd-v11i6.29561>